

Sinais trocados atrapalham

Economia - Brasil

RICARDO ALLAN

DA EQUIPE DO CORREIO

O ministro da Fazenda, Guido Mantega, é um dos maiores defensores da queda dos juros dentro do governo. Mas, na avaliação de analistas, a política fiscal sob seu comando tem contribuído para que o Banco Central (BC) caminhe justamente na direção contrária. O aumento dos gastos verificado nos últimos meses é um fator extra a impulsionar o aquecimento da economia, ajudando a gerar inflação. O BC pode ficar tentado a estancar o processo de redução dos juros para neutralizar os efeitos negativos da gastança. Além disso, o próprio comportamento do ministro, que não faz questão de afinar o discurso com o presidente do BC, Henrique Meirelles, contribui para gerar incertezas no mercado.

Para o economista-chefe da consultoria GRC Visão, Jason Vieira, a decisão do governo de não economizar um centavo além do necessário para o cumprimento do superávit primário

(economia para pagar parte dos juros da dívida pública) é sinal de que as despesas estão subindo. "O governo vai gastar muito mais do que no ano passado, o que evidentemente estimula a economia no curto prazo, mas gera pressões inflacionárias. Não tenho dúvida de que isso vai tornar o BC mais cauteloso", assegura. "Nosso objetivo continua o mesmo, estamos mirando na meta de 4,25% do Produto Interno Bruto (PIB)", afirmou Mantega nesta semana.

As despesas totais do governo federal atingiram R\$ 115,743 bilhões nos primeiros quatro meses do ano, R\$ 14,570 bilhões acima do executado no mesmo período de 2005. A expansão foi de 14,4%. Segundo Vieira, o superávit recorde obtido em abril, que foi de R\$ 14,856 bilhões, se deveu apenas a um nível inédito de cobrança de impostos. Os gastos estão trabalhando em sentido inverso, atrapalhando a obtenção de um ajuste fiscal mais "saúdavel".

Viera acredita que a própria montagem da equipe de Mantega está contribuindo para um

aumento do temor do mercado e do BC quanto ao controle da inflação. Na semana passada, Mantega anunciou Júlio Sérgio Gomes de Almeida como seu secretário de Política Econômica, o terceiro cargo mais importante na hierarquia do ministério. O posto, responsável pela formulação macroeconômica, será ocupado por um nome bastante ligado ao setor produtivo e com perfil desenvolvimentista — Almeida era diretor-executivo do Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (Iedi).

Analistas acreditam que sua nomeação foi um claro recado do ministro de que vai colocar a política econômica para trabalhar pelo crescimento. "A próxima reunião do Copom já vai refletir essa guinada na orientação da Fazenda", aposta Vieira. Armando Castelar Pinheiro, do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), acredita que a política fiscal expansionista vai ser levada em conta pela decisão do comitê. "A afinação que existia entre BC e Fazenda não existe mais. Isso certamente cria um ruído desnecessário", afirma.

**ESTAMOS MIRANDO
NA META DE 4,25% DO
PRODUTO INTERNO BRUTO (PIB)**

Guido Mantega, ministro da Fazenda

